

## Um bestiário poético em *Mil sóis*, de Primo Levi

Filipe Amaral Rocha de Menezes

*Você só tem que esperar, com a caneta pronta:  
Os versos zumbem ao redor como falenas  
bêbadas;  
Uma vem até a chama e você a agarra.*

Primo Levi

Falenas embriagadas pela luz como numa noite quente de verão iniciam o poema "Um ofício", de Primo Levi. Com essa imagem, o escritor reflete, liricamente, sobre o fazer poético, o ofício de escritor. As borboletas, com seu voar vacilante, o seu destino incerto, seriam uma alusão metafórica à elaboração de versos e à criação poética.<sup>1</sup>

Com título quase homônimo e semelhante tema, Levi publicou *Ofício alheio*, uma coletânea de textos diversos, de suas contribuições para jornais, especificamente *La Stampa* de Turim, destacando uma das suas atividades laborais, a de escritor, em relação à outra de químico.<sup>2</sup> Nesse livro, o autor apresenta sua faceta de crítico literário, conformando uma lição de escrita e de como ser um escritor. Já no poema, a voz lírica tece o que poderia ser visto como uma poética, como se organizam os versos por intermédio da imagem das falenas bêbadas que bruxuleiam e "se o dia é bom, você as dispõe em fileira".<sup>3</sup> Segundo

---

1 LEVI, Primo. *Mil sóis*. poemas escolhidos. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2019. p. 107.

2 LEVI, Primo. *Ofício alheio*. Trad. Silvia Massimini Felix. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

3 LEVI, 2019, p. 107.

o poeta, deve-se tomar cuidado com esse fazer “honrado pelo tempo / antigo sessenta séculos e sempre novo”, abstendo-se da soberba, uma vez que esse nobre ofício eleva e laureia quem se dedica a ele.<sup>4</sup>

Primo Levi surge como escritor com *É isto um homem?*, publicado em 1946. Nesse livro, ele relata sua experiência no campo de concentração de Auschwitz.<sup>5</sup> O título do livro foi retirado do poema “Shemá”, que vem publicado como sua epígrafe.<sup>6</sup> O escritor desenvolveu uma obra ampla e variada de romances, contos, ensaios, relatos e poesia, e, a partir desses dois textos autobiográficos e que se complementam, ele detalha os horrores pelos quais viveu na Shoah. Como ele próprio confessa em uma entrevista a Marco Belpoliti sobre seus poemas, seria ele um autor bissexto, isto é, com pouca frequência no gênero lírico, passando por longos períodos lacunares de sua produção a momentos de espontânea atividade.<sup>7</sup> No entanto, ele publicou dois volumes que recolheriam seus poemas de temas variados e livre das formas métricas tradicionais.

Levi publicou, anonimamente, seu primeiro livro de poesia. O pequeno volume, que reúne alguns de seus poemas da década de 1970, tinha capa de papel cartonado, com o texto batido a máquina, e teve tiragem de 300 exemplares. Republicado posteriormente em 1975 com o título de *L'Osteria di Brema* (Osteria de Bremen), esses poemas são novamente reunidos a outros inéditos sob o título de *Ad ora incerta* (Em hora incerta), em 1984, num total de 63 poemas autorais e dez traduções.<sup>8</sup>

Em *Mil sóis*, conforme o tradutor e organizador da coletânea Maurício Santana Dias, foram selecionados poemas oriundos de *Ad ora incerta*, acrescentados

---

4 LEVI, 2019, p. 107.

5 LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

6 LEVI, 1988, p. 9.

7 BELPOLITI, Marco; LEVI, Primo. *Primo Levi. Conversazioni e interviste* (1963-1987). Turim: Einaudi, 1997, p. 199.

8 LEVI, Primo. *L'osteria di Brema*. Milano: All'insegna del pesce d'oro, 1975; LEVI, Primo. *Ad ora incerta*. Milano: Garzanti, 1984.

de outros publicados avulsamente.<sup>9</sup> Desses últimos, três aparecem como epígrafes da coletânea de contos e ensaios *Racconti e saggi*, de 1986, que apresenta contribuições de Levi para jornais e revistas.<sup>10</sup> O poema “Aos amigos”, dedicado a Mario Rigoni Stern e Nuto Revelli, abre o livro, logo após o pequeno prefácio do poeta. Outros dois poemas, “O degelo” e “Um vale”, abrem, respectivamente, as seções “Contos” e “Ensaio”, provocando, com suas metáforas e imagens um efeito instigante e enigmático.<sup>11</sup>

No poema “Aos amigos”, o escritor se dedica a uma noção mais ampla de amizade. Para o eu lírico, a amizade “traz a marca do amigo encontrado na estrada / cada um o vestígio de cada um”.<sup>12</sup> Embora sejam deixados por amigos, “na sensatez ou na loucura”, são para o bem e para o mal, as marcas da construção da experiência. Ao fim desse poema, os “trabalhos estão todos findos”. Desse modo, o poeta despede-se desejando um outono “longo e brando”, como a dizer de uma velhice tranquila e reflexiva.<sup>13</sup> Não menos instigantes, os poemas: “Um vale” e “O degelo”, que buscam na primavera sua inspiração, em meio a verdejantes e misteriosas florestas. No primeiro, “quando as primeiras marmotas despertam”, depois de percorrer trilhas reduzidas a rastros, em caminhos pouco conhecidos, apenas firmados na experiência, o poema alerta para uma “única árvore vigorosa”, como se ela fosse “a de que fala o Gênesis”, sem nome, porém produz uma resina “amarga e doce, fonte de esquecimento”.<sup>14</sup>

Essa árvore “viçosa e sempre verde” produz frutos “mesmo quando a neve pesa em seus ramos”, mas, é a resina de seu tronco que fornece a sua maior graça: o esquecimento. Em “O degelo”, no fim do inverno, o poeta cansado, após receber as marcas “na carne, na mente, em lama e lenho”, deseja “que venha o

---

9 LEVI, 2019, p. 10-11.

10 LEVI, Primo. *Stories and Essays*. Trad. Anne Milano Appel. In: LEVI, Primo. *The Complete Works of Primo Levi*. v. 3. Trad. e Org. Ann Goldstein. New York: Liveright, 2015.

11 LEVI, 2015, p. 2263, 2266, 2330. LEVI, 2019, p. 143, 137, 129.

12 LEVI, 2019, p. 143.

13 LEVI, 2019, p. 143.

14 LEVI, 2019, p. 129.

degelo e dissolva a memória da neve do ano passado".<sup>15</sup> A memória, ou seja, lembrança e esquecimento, destaca-se nestes e em vários outros poemas dessa coletânea, tal qual Dias os denomina: a poesia de um sobrevivente.<sup>16</sup>

O embate entre o lembrar e o esquecer é uma constante na obra poética de Levi, principalmente, na inscrição das datas nos poemas. Os textos, todos datados, foram organizados cronologicamente, perfazendo percursos temáticos no tempo. O testemunho da Shoah, a condição de sobrevivente de Levi, é parte da memória neles inscrita.<sup>17</sup> Como ressalta Dias no prefácio de *Mil sóis*, os poemas que abordam diretamente esse tema estariam organizados, na coletânea, como um "hinário sombrio" composto sobre "a deportação, a desumanização e a necessidade imperiosa de jamais esquecer os horrores vistos e experimentados".<sup>18</sup> Cada um dos poemas, assim, é datado ao longo de vários meses do ano de 1946. O ano seguinte à libertação de Levi de Auschwitz, que ocorreu em 1945, é marcado pelos poemas: "25 de fevereiro de 1944", "O canto do corvo (I)", "Segunda-feira", "Levantar" e "Shemá".<sup>19</sup>

Sobre o fazer poético e a Shoah, Primo Levi afirma em uma entrevista:

Sou um homem que pouco acredita na poesia e, no entanto, a pratico... Adorno escreveu que depois de Auschwitz já não é possível fazer poesia, mas a minha experiência foi o contrário. Então (em 1945-46) parecia-me que a poesia era mais adequada do que a prosa para expressar o que pesava em mim. Ao dizer poesia, não penso em nada lírico. Naqueles anos, de alguma forma, eu teria reformulado as palavras de Adorno: depois de Auschwitz você não pode mais fazer poesia exceto sobre Auschwitz.<sup>20</sup>

---

15 LEVI, 2019, p. 137.

16 LEVI, 2019, p. 9.

17 Shoah, do hebraico "calamidade" ou "catástrofe", é o termo que nomeia a perseguição e o assassinato dos judeus na Europa sob o domínio do III Reich alemão, o período nazista. O termo "Holocausto", embora consagrado e difundido pela historiografia e cultura em geral, tem uma conotação de sacrifício, de imolação em chamas, como se os judeus tivessem se sacrificado em nome de alguma coisa. O termo em hebraico parece mais adequado para denominar o monstruoso evento, para abarcar a universalidade do extermínio.

18 DIAS, Maurício Santana. A poesia de um sobrevivente. In: LEVI, 2019, p. 12.

19 LEVI, 2019, p. 21, 23, 27, 29 e 25. O poema "Shemá" foi publicado pela primeira vez, em 1947, como epígrafe do livro *É isto um homem?*.

20 BELPOLITI; LEVI, 1997, p. 140.

Contra-pondo-se à sentença de Theodor Adorno, para quem a poesia seria impossível depois de Auschwitz,<sup>21</sup> Levi afirma que, após a grande catástrofe, só esse tema é possível. A Shoah estrutura, assim, parte considerável dos seus poemas. Ela aparece desde os primeiros textos poéticos, que coincidem cronologicamente, a partir do ano de 1946, quando Levi já estava liberto e de volta à Itália. Referências ao campo de Fòssoli, a Auschwitz, aos *partigiani*, à guerra, aos sobreviventes, a Adolf Eichmann compõem a memória da destruição, da estupidez humana. O poema “Pôr do sol em Fòssoli”, por exemplo, deixa vislumbrar o estado de desolação vivido pelos aprisionados, os “já submersos”. A imagem do ocaso solar traduz, de forma categórica, a falta da esperança do porvir, a chegada de “uma noite infinita”.<sup>22</sup> Esse e outros poemas da coletânea provocam o leitor a refletir sobre a condição humana na Shoah. Embora, como no poema “Shemá”, esses “leitores” estejam em suas casas confortáveis e com os ventres saciados, os sobreviventes ainda estariam de sobreaviso, alertas para a expectativa de que novamente aconteça outra catástrofe, da eminência da “batida dos passos de ferro”.<sup>23</sup>

Entre poemas que remontam ao pesadelo da Shoah, encontram-se, na obra de Primo Levi, várias referências a animais, que acabam por conformar um bestiário poético. A animalização dos deportados, engendrada por toda uma série de humilhações e ultrajes humanos, leva o poeta a recorrer a um discurso inspirado no universo animal.<sup>24</sup> Desse modo, o livro medieval com descrições e histórias de animais, reais ou imaginários, delineia, na obra de Levi, uma estratégia do fazer poético pós-Auschwitz. Além dos retratos de desumanização das vítimas, esses animais evocam sutis imagens dos perpetradores e de passivos observadores da catástrofe. Estes últimos, testemunhas reprováveis da Shoah, são

---

21 ADORNO, Theodor W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge Almeida. São Paulo: Ática, 1998, p. 26.

22 LEVI, 2019, p. 31.

23 LEVI, 2019, p. 23, 27.

24 NEZRI-DUFOUR, Sophie. Le bestiaire poétique de Primo Levi. *Italiés, Littérature - Civilisation - Société*, Arches de Noé [1], n. 10, p. 251-269, 2006.

representados como corvos nos poemas “O canto do corvo (I)” e “O canto do corvo (II)”.<sup>25</sup> Embora distantes sete anos um do outro, em ambos os poemas permanece o mesmo ceticismo em relação à vida, à paz, à guerra, com ênfase em uma sensação de iminência contínua da destruição. Os corvos, característicos do inverno europeu, são aves onívoras que se alimentam, inclusive, dos corpos de animais mortos. Na cultura popular, eles são vistos como anunciadores de vaticínios de mau agouro. No poema de Levi, as imagens negras e onipresentes dessas aves sobre os cadáveres dos deportados contrastam com o branco gelado da paisagem: “No alvorecer do dia 21, a planície apareceu deserta e gelada, branca a perder-se de vista debaixo do voo dos corvos, numa tristeza de morte”.<sup>26</sup>

A lembrança a Edgar Allan Poe e ao seu célebre poema sobre o canto de solidão do viúvo diante da morte da mulher amada, e o refrão, repetido pelo corvo, “Nunca mais”,<sup>27</sup> ecoam no texto de Levi:

Até que se cumpra o que foi dito,  
Até que sua força se desfaça,  
Até que você mesmo se acabe  
Não com um baque, mas com um silêncio,  
Como em novembro as árvores se despem,  
Como se encontra parado um relógio.<sup>28</sup>

O corvo de Poe reproduz na repetição e nos intervalos de silêncio as certezas de sofrimento para o amante, conforme esclarece o poeta no célebre ensaio *A filosofia da composição*.<sup>29</sup> Os corvos de Levi são, também, um mau presságio, que fazem sombra sobre os caminhos com suas negras asas, de olhar maligno, com seu canto torpe dançando e anunciando as más notícias. O poeta, no entanto, promete voltar quando sua mensagem de desolação e de horror, a lembrança da Shoah, “se assente à noite em seu coração”.<sup>30</sup>

---

25 LEVI, 2019, p. 23, 43.

26 LEVI, 1988, p. 164.

27 POE, Edgar Allan. *O corvo*. Trad. Machado de Assis; Fernando Pessoa. São Paulo: Montecristo, 2012.

28 LEVI, 2019, p. 43.

29 POE, Edgar Allan. *Poemas e Ensaios*. Trad. Oscar Mendes; Milton Amado. São Paulo: Globo, 1999.

30 LEVI, 2019, p. 23.

Em “Inventar um animal”, artigo publicado em *Ofício alheio*, Levi lembra a complexidade de se recriar um animal artisticamente, muito embora o homem já tenha uma vasta experiência nisso.<sup>31</sup> Os animais que surgem e seus poemas, que têm a Shoah como pano de fundo, aparecem em uma complexidade e variedade únicas. Eles representam o homem, principalmente em metáforas de dor e morte, como a desolação da prisioneira de um campo que é comparada a “uma rã no inverno” ou a solidão humana comparada à imagem de um “burro de carga” que está “preso entre duas barras e não pode olhar para ao lado”.<sup>32</sup>

Segundo Zoltán Kövecses, uma metáfora é definida como a compreensão de um domínio conceitual em termos de outro domínio conceitual.<sup>33</sup> Assim, essa metáfora consistiria na aproximação de imagens de um domínio às de outro. A metáfora animal seria, portanto, uma espécie de atalho de significados. O animal textual remeteria, dessa forma, a uma série de características do animal real, que preenchem de conteúdo o texto, numa explosão de significados e sentidos, muitos deles negativos, como nesses poemas de Levi. O canto dos corvos, por exemplo, teria a função de lembrar ao leitor que as coisas não estão nada bem, podendo tirar-lhe o prazer do pão e do vinho ou sombrear-lhe o caminho, sendo inútil fugir de seu mau agouro, ou seja, o que já aconteceu pode voltar a acontecer.<sup>34</sup> Assim, por meio de metáforas animais, em tempos de incerteza, a precariedade da condição humana é exposta e os poemas vão se constituindo em um bestiário.

No verbete “Bestiário”, do *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*, Ettore Finazzi-Agrò afirma que: “Os bestiários são listas de animais das mais variadas espécies – e não necessariamente existentes – catalogados

---

31 LEVI, 2016, p. 99-100.

32 LEVI, 2019, p. 25, 29.

33 KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: University Press, 2010, p. 04.

34 Sobre *metáforas do mal*, conforme Julio Jeha afirma, as mais comuns constituem-se naquelas que usamos para nos referir ao mal: “crime, pecado e monstruosidade (ou monstro).” JEHA, Julio (Org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 19.

segundo as suas propriedades naturais e os seus valores simbólicos”.<sup>35</sup> Maravilhosamente ornados com iluminuras coloridas, alguns desses textos alcançaram grande fama, como o *Physiologus*, cuja procedência remonta ao século II, à cidade de Alexandria, ao Egito.<sup>36</sup> De acordo com Bruno Roy, esses compêndios “têm por função primeira observar os animais, propriamente ditos; estes são apenas um ponto de partida, ou ainda um pretexto, para permitir ao homem de se conhecer”.<sup>37</sup>

Os bestiários seriam, assim, uma forma de classificar o mundo, elegendo os animais como o principal objeto de observação, estabelecidos em redes, liberando espaço para a representação concisa e organizável de semânticas semelhantes, das mais diversas origens.<sup>38</sup> Esse desejo de conhecimento por intermédio dos animais permanece, como estratégia literária, na produção artística desde sempre. Escritores, principalmente aqueles tributários de uma herança europeia, escrevem seus livros, não mais conforme com a prosa pseudocientífica ou moralizante do *Physiologus*, mas com outros usos, inclusive, somente o de retomada lúdica ou paródica do gênero.<sup>39</sup>

Sendo assim, a coleção de animais poéticos de Primo Levi exhibe, lírica e criticamente, alguns deles como metáforas dos prisioneiros no *Lager*.<sup>40</sup> Em “Shemá”, por exemplo:

Considerai se isto é um homem,  
Que trabalha na lama  
Que não conhece paz  
Que luta por um naco de pão  
Que morre por um sim ou por um não.  
Considerai se isto é uma mulher,  
Sem cabelos e sem nome

---

35 LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2000, p. 83.

36 MENEZES, Filipe Amaral Rocha de. *Animais biográficos: um estudo de Poliedro, de Murilo Mendes*. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, p. 25-26.

37 ROY, Bruno. La belle e(s)t La bête: aspects du bestiaire féminin au moyen âge. *Études françaises*, Montreal, v. 10, n. 3, p. 309-317, 1974.

38 MENEZES, 2010, p. 17.

39 MENEZES, 2010, p. 36-37.

40 *Lager*, palavra alemã utilizada para denominar os campos de concentração.

Sem mais força de recordar  
Vazios os olhos e frio o ventre  
Como uma rã no inverno.<sup>41</sup>

Essa estrofe condensa, em versos sincopados, a terrível condição na qual os prisioneiros se encontravam no *Lager*, nos campos de trabalho forçado, concentração e morte. Sob trabalhos exaustivos, na lama e na sujeira, o tempo todo subjogados também pelos *Kapos*, os prisioneiros designados pelos nazistas para supervisionar os demais, com muita violência, sempre a passar fome devido à dieta extremamente pobre.<sup>42</sup> De forma semelhante, o estado das prisioneiras, marcadas pela desnutrição e pela fome, compõe retratos de desolação e de destruição do corpo e do espírito, como se pode observar nos versos: “sem mais força de recordar / vazios os olhos e frio o ventre”. O estado de completa debilidade e exaustão física e mental fez surgir a figura do “muçulmano”. Segundo Levi, em *É isto um homem?*, eles foram, no campo de concentração, uma multidão anônima e continuamente renovada: “já se apagou neles a centelha divina, já estão tão vazios, que nem podem realmente sofrer. [...] um homem macilento, cabisbaixo, de ombros curvados, em cujo rosto em cujo olhar, não se possa ler o menor pensamento”.<sup>43</sup> O homem destituído de si e de tudo, vazio, como a triste imagem de uma “rã no inverno”, de um minúsculo animal diante da imensa monstruosidade do tempo, ou a própria Shoah. Ou como “crisálidas / mortas, que nunca serão borboletas”, ressequidas pupas que jazem sob as cascas do tronco de um castanheiro e cobertas pelo “pó séptico das alamedas”, no poema “Coração de madeira”.<sup>44</sup> Desses pobres insetos mortos, o leitor pode inferir a privação da liberdade, na qual a transformação rápida em borboleta, símbolo de renovação, termina transitoriamente de forma sinistra, coberta por

---

41 LEVI, 2019, p. 25.

42 *Kapos*, contração do termo alemão Kameradschaft polizei (camarada policial), denomina os chefes dos grupos dos quais os prisioneiros eram obrigados a fazer parte para os trabalhos forçados.

43 LEVI, 1988, p. 91.

44 LEVI, 2019, p. 71.

um pó tóxico, numa alusão ao pó Zyklon-B, usado para asfixiar os prisioneiros nos campos de morte.

Outro animal referenciado por Levi é o burro de carga. Ele surge para metaforizar a solidão do homem, que transparece no monótono destino do trem, obrigado a fazer sempre o mesmo trajeto, preso ao mesmo caminho de ferro. Em “Segunda-feira”, o burro está “preso entre duas barras e não pode olhar para o lado. Sua vida é só caminhar”, de forma análoga, como observado por Levi, durante uma internação na enfermaria do *Lager*, sobre o “vil rebanho” de prisioneiros: “sabemos que os companheiros, lá fora, na bruma, partem marchando como autômatos; suas almas estão mortas e a música substitui a vontade deles; leva-os como o vento leva as folhas secas”.<sup>45</sup>

Vivenciar esse estado de desolação e de quase morte deixa marcas indeléveis tanto físicas quanto emocionais. No poema “Autobiografia”, por intermédio de vários animais, o eu lírico se diz “tão velho como o mundo”, e, desde as “trevas do início”, nas fossas cegas do mar, desejava a “luz / Quando ainda jazia na podridão do fundo”.<sup>46</sup> A partir de uma leitura sob uma poética do sobrevivente, esse local, no fundo do mar, seria uma metáfora para o tempo como prisioneiro no *Lager*:

Fui peixe ágil e viscoso. Evitei emboscadas,  
Mostrei a meus filhos os meios tortos do caranguejo. [...]  
Cantei à lua o conto líquido do sapo,  
E minha paciente fome perfurou o lenho.  
Cervo impetuoso e tímido  
Corri bosques hoje cinzas, feliz de minha força.  
Fui cigarra embriagada, tarântula astuta e horrenda,  
E salamandra e escorpião e unicórnio e áspide.  
Calores e frios e o desespero do jugo,  
A vertigem muda do asno ao moinho. [...]  
Por isso não riam de mim, homens de Agrigento,  
Se este velho corpo está marcado por estranhos sinais.<sup>47</sup>

---

45 LEVI, 1988, p. 50.

46 LEVI, 2019, p. 77.

47 LEVI, 2019, p. 77, 79.

Como numa infinita metamorfose, o poeta se transforma em animais sempre em fuga, faminto, desesperado, evitando emboscadas, e prossegue sua jornada, afirmando ter conhecido “o pranto e o riso”, restando dessas experiências os “estranhos sinais”, as marcas na pele, talvez os números azuis tatuados no braço.

Segundo Nezri-Doufour, esses animais como arquétipos representam profundas camadas do inconsciente e do irracional, assim o poeta:

prefere reconhecer desde o início a presença do animal que está nele e em cada um de nós, ao invés de ser uma vítima inconsciente. Ele prefere “assumir a liderança”: integrar a alma animal, presente no indivíduo, para melhor se desprender dela em uma segunda etapa e, portanto, analisá-la melhor, mas também para fazer dela um viveiro de imagens sugestivas e adequadas para expressar a complexidade do comportamento humano.<sup>48</sup>

A expressão dessa complexidade seria o ponto de atrito entre os animais e os homens, como no poema “Fileira escura”.<sup>49</sup> Nesse texto, a observação das formigas possibilitaria o estudo da sociedade. No primeiro verso, “Era possível escolher percurso mais absurdo?”, o poeta pergunta sobre uma longa fileira escura, “justo na junção da linha férrea” na “avenida San Martino”. Encantado pelo movimento incansável das formigas, o poeta conclui que elas são “obstinadas lunáticas ativas” que “escavaram sua cidade na nossa”. A aparente obstinação desses insetos, “atrás de seus tênues comércios / Sem se preocupar com”, de repente, produz no poema uma quebra, uma recusa de continuar: o eu lírico, perplexo, interrompe o discurso diante da ausência de preocupação dos insetos.

Essa perplexidade diante da magnífica e simétrica organização das formigas transforma-se em ácida crítica nos poemas nos quais os animais estariam a serviço da bestialização do homem, quando o humano se apresenta em seu pior caráter. Diferentemente do processo de animalização das vítimas,

---

48 NEZRI-DUFOUR, 2006, p. 3.

49 LEVI, 2019, p. 75, 77.

nessa outra tendência, os perpetradores que se tornam bestas são retratados como animais selvagens, peçonhentos. Segundo Tzvetan Todorov, a lógica de escolha dos membros da SS poderia ser chamada de “pedagogia perversa”, uma forma de culto à dureza e uma depreciação sistemática de todo sentimento de piedade: “O recrutamento dos SS é ‘duro’; isso garantirá que o treinamento ao qual submeterão os detentos não será corrompido por uma piedade espontânea”.<sup>50</sup> De forma análoga, violenta e sanguinária, os *Kapos* foram selecionados. Em sua maioria, criminosos comuns, assassinos, ladrões, e que segundo Levi eram “indivíduos especialmente cruéis, fortes e desumanos [...] demonstravam possuir um conhecimento satânico dos homens”.<sup>51</sup>

Em “Canto dos mortos em vão”, esses homens, aliados dos algozes, são velhas raposas prateadas. A voz poética, em tom imperativo, dá o tom do discurso:

Sentem-se e negociem  
À vontade, velhas raposas prateadas.  
Vamos emparedá-las num palácio esplêndido  
Com comida, vinho, boas camas e fogo [...]  
Mas fora, no frio, as esperaremos nós,  
O exército dos mortos em vão,  
Nós do Marne e de Montecassino,  
De Treblinka de Dresden e Hiroshima.<sup>52</sup>

A raposa é, na literatura fabular, desde os clássicos de Esopo, vista como um animal comum que, na cultura popular, seria o símbolo universal da astúcia e do engano, podendo, em algumas tradições, ter o poder de transformar-se para

---

50 TODOROV, Tzvetan. *Em face ao extremo*. Trad. Egon de Oliveira Rangel; Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1995, p. 202. A SS, ou *Schutzstaffel* (Tropa de Proteção), foi uma organização paramilitar ligada ao Partido Nazista e a Adolf Hitler. Seu lema era *Meine Ehre heißt Treue* (Minha honra chama-se lealdade). Inicialmente, era uma pequena unidade paramilitar, posteriormente, agregou quase um milhão de pessoas e conseguiu exercer grande influência política no Terceiro Reich. Construída sobre a ideologia nazista, a SS, sob o comando de Heinrich Himmler, foi responsável por muitos dos crimes contra a humanidade perpetrados pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

51 LEVI, 1988, p. 90. DRUMBL, Mark A. The Kapo on film: tragic perpetrators and imperfect victims. *Griffith Journal of Law and Human Dignity*, v. 6, n. 1, p. 229-271, 2018, p. 229.

52 LEVI, 2019, p. 135.

enganar os demais.<sup>53</sup> No poema de Levi, elas encarnam aqueles que foram responsáveis pelos massacres de todo o século XX e que, na maioria das vezes, ficaram impunes. Emparedados em seus palácios, decidindo a vida de todos, tranquilamente, eles se protegem enquanto lá fora aguardam-lhes um exército invencível, porque já “vencidos / invulneráveis porque já extintos”, daqueles que esperam por justiça. Entre as vítimas, o poeta elenca os milhares caídos nas sangrentas batalhas de Marne e Montecassino, decisivas na Primeira e na Segunda Guerra, os desaparecidos nos campos de Treblinka e Dresden e a destruída cidade japonesa de Hiroshima. Porém, o poeta afiança que o afogamento em podridão será o castigo, caso persistam em dano e vergonha.

A impunidade dos perpetradores assombra os versos do poema “Ladrões”, no qual os algozes seriam os “ladrões do tempo / fluidos, viscosos como sanguessugas”.<sup>54</sup> Esses sornateiros vermes, que “não deixam rastros, / Nem sinais de arrombamento ou desordem”, destroem o tempo dos outros em benefício próprio, “nunca se viu a cara deles. Têm cara?”. Sem caráter, muitas pessoas se aproveitaram da situação de guerra e da desestruturação da sociedade provocada pelos nazistas; embora fossem pessoas comuns, eram verdadeiros monstros, encobertos pela impunidade, como evidenciam as marcas de seus dentinhos de sanguessuga que deixaram, imperceptíveis, “apenas uma cicatriz lívida”. Como explica Levi: “Monstros existem, mas eles são muito poucos para serem verdadeiramente perigosos; muito mais atroz são os homens comuns, os burocratas prontos para acreditar e obedecer sem qualquer questionamento...”.<sup>55</sup>

A coleção de animais de Levi contém outros poemas nos quais o escritor lança mão da prosopopeia e do mundo onírico para compor um bestiário do fantástico que, de acordo com Lucíola Freitas de Macêdo, “não deixa de evocar,

---

53 BRUCE-MITFORD, Miranda. *Enciclopedia de Signos y símbolos*. Trad. Ursel Fischer. Colonia del Valle: Editorial Diana, 2000, p. 63.

54 LEVI, 2019, p. 141.

55 LEVI, 2015, p. 191.

às portas do Juízo Final, a Arca de Noé”, em temas de cunho ético, político, existencial, fabular.<sup>56</sup> Para Nezri-Dufour, nesses poemas, os animais são sinônimos de esperança e de leveza, ou, mais positivamente ainda, de força e dignidade.<sup>57</sup>

No poema “Um rato”, o fantástico irrompe na caracterização do animal que seria “presunçoso, arrogante e bombástico”.<sup>58</sup> Como tantos outros ratos nas artes e na cultura popular, a representação desse animal é “loquaz, rebuscado”, mas, além disso, inteligente, um intelectual que se apresenta sobre uma prateleira, proferindo um sermão e citando “Plutarco, Nietzsche e Dante”. O poeta parece não estar disposto a dar ouvidos ao discurso do bichinho, classificando-o em “blá-blá-blá”. Depois do enigmático vaticínio do rato, “quem tem tempo que o aproveite, porque a vida é breve a arte é longa”, o poeta responde como quem não aceita seus conselhos: “que petulância! Quanta baboseira! Acaso um rato sabe o que é o tempo?”.<sup>59</sup>

O poeta também entra em embate com a mosca, outro animal sombriamente ambíguo no bestiário de Levi. No poema “A mosca”, a voz é do inseto e o leitor se dá conta de que, mesmo abjeta, ela se faz necessária e se diz uma mensageira, para a qual não há portas fechadas, quando “sempre há uma janela, uma fenda, os buracos da fechadura”.<sup>60</sup> Implacável, seria uma alegoria para a morte, não como o fim, mas como uma transformação:

Matérias nobres e ignóbeis,  
Sangue, pus, refugos de cozinha:  
Transformo tudo em energia de voo,  
Tanto demanda meu ofício.  
Sou a última a beijar os lábios  
Secos dos moribundos e morituros.<sup>61</sup>

---

56 MACÊDO, Lucíola Freitas de. Primo Levi: sonho, poesia, política. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v. 13, n. 25, p. 93-103, 2019, p. 3.

57 NEZRI-DUFOUR, 2006, p. 3.

58 LEVI, 2019, p. 95.

59 LEVI, 2019, p. 95.

60 LEVI, 2019, p. 147.

61 LEVI, 2019, p. 147.

De forma semelhante, a mosca que de tudo se alimenta, de tudo retira sua força, ou seja, a morte, inexorável, faz parte da vida e não há como detê-la, pois sua real comida, encontrada em abundância, é a vida.

Nos dois poemas seguintes, “O elefante” e “O dromedário”, animais poderosos e robustos, que transmitem força e resistência, apresentam detalhes que apontam para certo pessimismo ou ceticismo em relação à humanidade, à existência e mesmo à história.<sup>62</sup> O elefante que fala pela voz lírica é, na verdade, um animal já morto, que lembra o narrador defunto de Machado de Assis, com o mesmo tom petulante e crítico, porém amargo e queixoso.<sup>63</sup> Os versos: “Escavem: irão encontrar meus ossos / Absurdo neste lugar cheio de neve” se aproximam da dedicatória machadiana presente em *Memórias póstumas de Brás Cubas*: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas.”<sup>64</sup>

Repetidas vezes a palavra *absurdo* classifica a situação deste animal ali nos Alpes, ou de seus restos que observam e analisam sua história e a História: durante as guerras Púnicas, Aníbal, rei de Cartago, com seu exército e 37 elefantes preparados para guerra, teria avançado sobre Roma atravessando a Itália pelo norte, na região de Turim.<sup>65</sup> No entanto, o elefante-poeta considera o maior dos absurdos sua situação, pois todas suas características foram desenvolvidas para sua vida pacata na floresta e foram subvertidas pelo homem para seus propósitos de destruição, como uma arma de guerra:

Querem saber minha história? É breve.  
O indiano astuto me aliciou e domou,  
O egípcio me aprisionou e vendeu,  
O fenício me recobriu de armas  
E me impôs uma torre na garupa.  
Absurdo foi que eu, torre de carne,

---

62 LEVI, 2019, p. 113, 149.

63 ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

64 ASSIS, 1977, p. 03.

65 CUMMINS, Joseph. *History's Greatest Wars: The Epic Conflicts that Shaped the Modern World*. Beverly: Fair Winds, 2011, p. 32.

Invulnerável, manso e assombroso,  
Forçado entre estas montanhas inimigas,  
Derrapasse em seu gelo nunca visto.<sup>66</sup>

Num dos últimos poemas de Levi, datado de novembro de 1986, "O dromedário", o animal assume a voz lírica elencando suas qualidades, sua capacidade de ficar muito tempo sem se alimentar ou beber água, sua verve pacifista: "Pra que tantas rixas, guerras, querelas?".<sup>67</sup> Mais conformado que o elefante, este pede ao homem que não seja intolerante e siga seu exemplo: "Tenho voz feia? Quase sempre me calo / E se blatero ninguém me escuta." Embora sua aparência e sua voz não sejam desagradáveis e inaudíveis pelas fêmeas da sua espécie, o animal se coloca numa posição subalterna ao homem, na qual o potente balido não é, no entanto, inteligível, sendo, por isso, ignorado. O camelo, por sua vez, embora silenciado, domina o seu reino, e nesse lugar ele é soberano de si:

Sim, sou um servo, mas o deserto é meu:  
Não há servo que não tenha seu reino.  
Meu reino é a desolação.  
Não conhece limites.<sup>68</sup>

Na coleção de animais da obra de Primo Levi, destacam-se, ainda, outros os quais o poeta aproxima de uma representação humana. No poema "O caracol", o pequeno molusco questiona a pressa e o risco das aventuras, se quando basta "encerrar-se para ter paz?".<sup>69</sup> Como um antídoto aos perigos do mundo, às pessoas que ferem, o caracol sugere uma solução: esconder-se "Por trás de seu véu de calcário cândido / Negando o mundo e negando-se ao mundo".<sup>70</sup>

De forma análoga, outro animal procura ter uma existência escondida. Do poema "Velha toupeira" vem a voz de um animal mais experiente. Se o caracol,

---

66 LEVI, 2019, p. 113.

67 LEVI, 2019, p. 149.

68 LEVI, 2019, p. 149.

69 LEVI, 2019, p. 105.

70 LEVI, 2019, p. 105.

“com esforço mas sem pressa”, vai se desvencilhando de obstáculos, encontrando “minhocas, larvas e lagartos, / Às vezes uma trufa, / Às vezes uma cobra, boa ceia, / E tesouros enterrados sabe-se lá por quem”, a resignada toupeira observa sua vida, os arroubos de juventude que não acontecem mais, agora somente seus êxitos em encontrar comida e evitar confusões, embora as vezes ainda procure se divertir, sob a lua nova, “despontando de repente para assustar os cães”.<sup>71</sup>

Em “Aracne”, o inseto exclama, por intermédio da voz poética: “Tecerei outra teia para mim”, como uma promessa de retorno e revanche sobre o passante, que, desapercibido, rasga sua rede.<sup>72</sup> Desde o título, o poema já traz a mitologia grega como referência. Aracne, famosa por sua habilidade como fiandeira, sofre uma punição de Atena que a transforma em aranha, tecedeira de sua própria teia, ou Ariadne, filha de Minos e de Pasifae, que, apaixonada por Teseu e querendo ajudá-lo a escapar do labirinto, deu-lhe um novelo de linha que lhe permite entrar, matar o Minotauro e, depois, sair desse espaço de morte.<sup>73</sup> Além dessas duas imagens, a aranha que lança sua rede para caçar pequenos insetos, poderia ser uma metáfora para o fazer literário, quando, entre rascunhos e originais que são atirados ao lixo, nasce a promessa de recomeçar, como a aranha que sente seu abdome cheio de viscoso e reluzente fio para refazer sua teia, desejosa de encher, a “um só tempo, o estômago e a matriz”.<sup>74</sup>

O último animal dessa série é a “Meleagrina”, a ostra perlífera, espécie distinta da ostra comestível, mais comum.<sup>75</sup> Ela se protege com conchas, como o caracol, canta sua história no poema, perguntando ao leitor, de *sanguinaldo*, sangue quente, se ele conhece seus mistérios, além do sabor de seus “membros tenros”: “Somos mais parecidos do que você pensa, / Condenada a secretar e secretar / Lágrima, esperma, madrepérola e pérola”.<sup>76</sup> Ao comparar seu produto

---

71 LEVI, 2019, p. 89.

72 LEVI, 2019, p. 87.

73 Verbetes ARACNE e ARIADNE. In: KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

74 LEVI, 2019, p. 87.

75 LEVI, 2019, p. 102-103. Cf. nota do autor.

76 LEVI, 2019, p. 103.

aos líquidos secretados pelo homem, a meleagrina estabelece uma relação com o poeta ou com o leitor, quando estes, mesmo sendo invadidos por algo que “fere o manto”, vão se revestindo, em seus interiores, criando-se a pérola, ou um verso brilhante, continuamente moldado e rescrito: “dia após dia a revisto em silêncio”, acrescenta.

*Mil sóis* compõem-se, assim, de uma coleção de poemas, organizados, traduzidos e selecionados para o leitor brasileiro a fim de se dar uma representatividade da poesia de Primo Levi. A presença das marcas da Shoah e o característico ceticismo em relação à precariedade da condição humana, presentes na prosa, marcam também o texto poético de Levi, ampliando, de forma lírica, suas perplexidades e suas reflexões sobre o fazer literário. Assim, se refere o escritor sobre seus livros:

Aos meus livros, que espero ainda viverão  
Quando depois de séculos os átomos de meu velho corpo  
Turbilhonarem soltos nos vórtices do universo  
Ou reviverão numa água, numa menina, numa flor.<sup>77</sup>

Em sua obra, particularmente a que tem na representação de animais uma aproximação aos dias dos homens, a coleção de espécimes que pode ser desentranha dos textos emerge como imagens privilegiadas para se pensar a condição humana. Seus animais retomam a encenação existencial da Shoah, na onipresença do pesadelo dos campos, de seus perpetradores, as “velhas raposas prateadas”, ou no tipo de animal deplorável que evoca, repetidamente, a desumanização dos deportados, como o pobre burro de carga “que não pode olhar para o lado” ou a triste mulher com uma “rã no inverno”. Além desses, os outros animais em situações variadas, em temas de cunho ético, político, existencial, fabular, constituem seu bestiário múltiplo e poético. Como Plínio, o Velho, o naturalista romano curioso por toda forma animal, e homenageado

---

77 LEVI, 2019, p. 61.

por Primo Levi em um dos seus poemas, o escritor procurou registrar suas observações na esperança de resistir e reviver, tal qual as falenas bêbadas de seu poema.